



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A PRIMEIRA SILENCIADA: EXPLORANDO COMO O MITO LILITH SE  
RELACIONA COM O MOVIMENTO FEMINISTA**

**LUZIA RAIANE BRAGA GARCIA**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
SETEMBRO DE 2021**

**LUZIA RAIANE BRAGA GARCIA**

**A PRIMEIRA SILENCIADA: EXPLORANDO COMO O MITO LILITH SE  
RELACIONA COM O MOVIMENTO FEMINISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo

**Catolé Do Rocha-PB**

**2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G216p Garcia, Luzia Raiane Braga.

A primeira silenciada [manuscrito] : explorando como o mito Lilith se relaciona com o movimento feminista / Luzia Raiane Braga Garcia. - 2021.

19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias , 2021.

"Orientação : Prof. Dr. José Helber Tavares de Araujo , Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

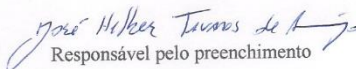
1. Lilith. 2. Mito. 3. Feminismo. 4. Mulher. I. Título

21. ed. CDD 801.959

**LUZIA RAIANE BRAGA GARCIA**

**A PRIMEIRA SILENCIADA: EXPLORANDO COMO O MITO LILITH SE  
RELACIONA COM O MOVIMENTO FEMINISTA**

**BANCA EXAMINADORA**

  
Responsável pelo preenchimento

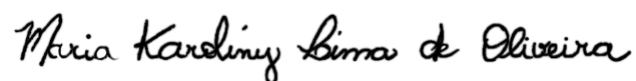
---

Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo – UEPB CAMPUS IV  
(Orientador)



---

Prof. Msc. Rômulo Cesar Araújo Lima – UEPB CAMPUS IV  
(Examinador)



---

Prof<sup>ª</sup>. Msc. Maria Karoliny Lima de Oliveira – UEPB CAMPUS IV  
(Examinador)

**Catolé Do Rocha-PB**

**2021**

## **AGRADECIMENTOS**

Nada disso faria sentindo se não fossem pelos meus pais **JOSÉ FERNANDES GARCIA** e **RIDETE BRAGA GARCIA**, que não mediram esforços em me ajudar, a meu avô **PAULO GARCIA DOS SANTOS** que foi meu maior apoiador durante esse ciclo do curso, sem eles eu não teria forças e determinação de concluir o curso, tudo é por eles.

Ao **BARRACO**, meu grupo da faculdade, no qual eu trouxe para a vida, durante o período que escrevia essa dissertação eles sempre me apoiaram com palavras, minhas maiores motivações vinheram deles: **Kaulay, Thayná, Laisa, Daniela, Cristina, Elias, Orlando e Tuane**, meu muito obrigada.

A meu orientador **José Helber Tavares de Araújo**, que mesmo não tendo aulas com ele durante o curso, quando o convidei para me orientar, aceitou com toda compreensão e dedicação, esse trabalho é fruto do esforço de ambos.

A **LILITH**, que me ensinou que todas as mulheres corajosas, seguiriam sua vontade interior de trilhar seu próprio caminho, seriam julgadas de louca, puta, demônio e vilã, mas que mesmo assim não deram ouvidos para os opressores que tentaram diminuí-las.

“Quem come do fruto do conhecimento, é sempre expulso de algum paraíso.”

**MELANIE KLEIN**

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o mito Lilith, uma figura feminina conhecida como a primeira esposa de Adão, uma narrativa que tem como finalidade a representação da mulher na literatura e nos movimentos feministas, em uma junção da Bíblia e literatura, podemos observar como as mulheres são sexualizadas, erotizadas, e condenadas pela supremacia masculina. O trabalho designa traçar os momentos históricos do ápice de grandes mulheres que foram silenciadas durante seu trajeto na humanidade ao longo do tempo, os acontecimentos que foram estudados procuram constatar as consequências que cada mulher sofreu por se posicionar.

**PALAVRAS CHAVES:** Lilith. Mito. Feminismo. Mulher.



## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the myth Lilith, a female figure known as the first wife of Adam, a narrative that aims to represent women in literature and in feminist movements, in a junction of the Bible and literature, we can observe how women are sexualized, eroticized, and condemned by male supremacy. The work aims to trace the historical moments of the apex of great women who were silenced during their journey through humanity over time, the events that were studied seek to verify the consequences that each woman suffered for taking a stand.

**KEYWORDS:** Lilith. Myth. Feminism. Women.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.1 ORIGEM DO MITO.....	8
<b>2 LILITH NA TRADIÇÃO DA LUA NEGRA E A REPRESENTAÇÃO DAS DEUSAS</b> <b>.....</b>	<b>12</b>
<b>3 A BRUXA NA IDADE MÉDIA, ANALOGIA A LILITH.....</b>	<b>16</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como meta mostrar a desigualdade de gênero que as mulheres vem sofrendo desde o início dos tempos e como vem vivenciando com isso até os tempos atuais, em ordem cronológica podemos observar várias histórias iguais com mulheres diferentes em épocas diferentes, e como o feminismo sempre esteve presente em cada uma delas.

Por ser um tema bastante falado, principalmente pelos movimentos feministas, as fontes usadas nessa pesquisa foram de artigos, livros e bíblias. Sendo assim, ao falarmos da relevância dessa pesquisa, tratamos de compara-la com a existência social atual e deixa-la perceptível com exatidão para a sociedade, essa busca sobre Lilith, trata-se de uma arqueologia do tempo dessa mitologia.

Cada parte representa um fator histórico vivido por mulheres fortes, a princípio dispomos dos relatos da origem da primeira mulher do mundo, Lilith, seguido por sua representação na mitologia grega, mais precisamente refletida pelas deusas, subsequente trazemos as bruxas, que em um dos momentos mais marcantes da humanidade, foram queimadas vivas, e como elas representam cada figura feminina até hoje, em conclusão acompanhamo-nos da semelhança entre Lilith e Capitu, uma mulher machadiana, e em como a mesma resistiu a hierarquia machista de seu tempo.

### 1.1 ORIGEM DO MITO

Ao analisarmos a personificação do mito Lilith acerca deste trabalho, precisamos entender como nasceu e de que maneira lhe foi exposta a humanidade. Explanando o livro de Gênesis, e com fragmentos da criação do mundo, obtemos resquícios da passagem de outra mulher por ali, antes de Eva, em ordem cronológica da Bíblia, expõem que:

Gênesis I, 26: “Deus disse: façamos o homem a nossa imagem, segundo a nossa semelhança...”

Gênesis I, 27: “Deus criou o homem a sua imagem, a imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou”

Gênesis I, 28: “Deus os abençoou e Deus lhe disse: cresci e multiplicai-vos.” (BÍBLIA SAGRADA, Gênesis, 1-27, 1990, p. 14)

Lilith seguramente tem a ver com o Gênesis I, podemos encontrar essas passagens na bíblia tradicional, onde retratam que Adão vivia com uma companheira, lembro-nos que “E Deus os abençoou”. Desse modo, nestas três fases observamos o surgimento de uma figura

feminina na criação do mundo, a grande tradição em cima desse mito, além de sua aparição solitária na Bíblia, e como é retratada, como demônio noturno, ela também se destaca nos textos de sabedoria rabínica, mais precisamente no Zohar, um livro cabalista judaico. Conforme os estudos dos dois livros, a versão da bíblia esta cheia de contradição e enigma, especialmente sobre a mitologia da criação da mulher, esses obstáculos á frente de seu nascimento dão-se a religiões patriarcais que até hoje mantem essa estrutura monoteísta, assim sendo, enquanto era transportada a versão jeovista sobre Lilith, de algum modo foi perdida ou removida pelos pais da igreja naquela época.

Um dos documentos usados para esclarecer a presença de Lilith, é o Zohar – livro do esplendor, um manuscrito judaico que foi escrito pelo rabi Shimon Bar Yochai, esses manuscritos trata-se também dos cinco livros de Moisés, que naquela época era renomado como o Torá.

O alfabeto de Bem Sirá também relata a presença de Lilith, com alguns textos que foram escritos no decorrer da idade média, o Midrash e Tamulde tem questões que tratam sobre leis teológicas, por outro lado o alfabeto trata de assuntos morais, assim sendo optamos em usar algumas fontes para o estudo desse tema.

Lilith foi criada da mesma matéria que Adão, ou seja do barro, porém ela se rebelou contra seu companheiro durante o ato que os ligavam na carne, por não se submeter a ficar em baixo dele durante o sexo, em razão disso por não se sentir inferior ela abandonou o jardim do Éden, num posicionamento de protesto, mencionando isto é nítido que essa atitude é de objeção ao domínio masculino. Essa recusa em concordar com a autoridade de Adão é um problema para as religiões patriarcais, é comum que em uma celebração religiosa o público consista em mulheres e os pregadores sejam homens, a autoridade masculina permanece nos tempos contemporâneos, obviamente a figura de Lilith seria uma intimidação para a submissão feminina religiosa. Outro fator marcante de sua trajetória na versão rabínica, em uma passagem bastante interessante é a forma de sua primeira aparição a Adão, que em forma de sonho ela mostra-se cheia de sangue e saliva, perturbando seu parceiro com sua aparência ameaçadora, suas características são de uma mulher muito bonita, sedutora, erótica, sexualidade exagerada, que se apropria do outro de forma demoníaca.

“...a viu cheia de sangue” (SALAMONI, 2018, p. 137).

Pode-se pensar que esse sangue seria menstrual, perante que esse seria um sonho erótico, é valido pensar em uma experiência sexual livre de tabus (em decorrência do coito durante o

ciclo menstrual, que permeia ainda nossos dias). A saliva que a cobria, pode ser relacionado a libido, já que a saliva é um elemento notadamente sexual, psicanaliticamente falando. Sangue e saliva complementa a mulher da primeira vez.

São várias as interpretações, já que alguns dizem que a mulher da primeira vez era aquela que Adão sonhou sexualmente, enquanto Eva é a realização do sonho, porém a palavra “vez” quer dizer perturbação em hebraico, logo essa mulher era capaz de estimular em Adão uma desordem, a significação sexual é óbvia, e é interessante ressaltar que Lilith é concedida a princípio do sexo, dado que até aquele momento nenhum homem havia praticado.

A distinção entre Lilith e Eva, é que Lilith entra na narrativa como demônio, como citado em cima a forma em que ela aparece pela primeira vez, o que nos interessa a pensar porque em Gênesis não mostra-se nunca alguma referência a criação dos demônios. A relação de Adão e Lilith era um tanto desequilibrada, não havia paz entre eles, porque quando eles se ligavam na carne, mais precisamente na posição natural, na qual a mulher fica por baixo do homem, ela sempre o questionava:

- Porque devo deitar-me embaixo de ti? Porque devo abrir-me sobre teu corpo?

A resposta de Adão era um estrondoso silêncio. Enquanto Lilith insistia:

- Porque ser dominada por você? Contudo eu também fui feita do pó e por isso sou sua igual.

Este diálogo foi retirado do livro *Commento Alla Genesi* do autor Daniele Salamone.

Nesta fala ela pede para inverter as posições sexuais, para designar a harmonia, o que significa igualdade entre os dois. Ao se impor contra o homem, não aceitar e se rebelar, automaticamente ela vai embora do jardim do Éden, o Rabi Johanan B. Beroqah disse:

“seja homem, seja a mulher...Foi dito: o homem obriga a mulher a não sair, porque cada mulher que sai, no final cai. E esta é a supremacia do homem sobre a mulher.” (SICUTERI, 1998, p.19)

Novamente encontramos outra pergunta e resposta do Rabi Johanan, que seria: “Porque o homem solicita a mulher e a mulher não solicita o homem?” sua resposta foi:

“A coisa é semelhante a alguém que tenha algo, ele procura aquilo que perdeu, mas aquilo que perdeu não o procura” (SICUTERI, 1998, pag. 19).

É como afirmar que a mulher é algo invisível, apenas um objeto de desejo, dominação e submissão, outras perguntas feitas tiveram umas respostas bem polêmicas, como exemplo, o Rabi afirma que a mulher trouxe a morte ao mundo, que seu sangue menstrual é o sangue do

pecado, que o preceito do lume do sábado é a alma apagada de Adão, a cultura rabínica é totalmente patriarcal, o lugar da mulher era de culpada, subjugada e rendida.

Lilith ao sair do jardim do Éden se estabelece no mar vermelho, depois de ter desonrado o nome de Deus, no Zohar a narrativa fala que Jeová Deus manda anjos para a trazerem de volta, dizendo:

*“Volta ao desejo, volta a desejar teu marido.”*

*Em resposta, Lilith fala:*

*“Não quero mais ter nada a ver com meu marido”*

A tradição hebraica fala que as águas do mar vermelho têm uma espécie de imã que atraem todos os demônios e espíritos maldosos, assim sendo Lilith não é mais a esposa de Adão, e sim um demônio manifestado, cercada de almas cruéis das trevas.

Sendo assim, percebemos que neste momento Lilith mostrou o poder feminino, que é exercido por ela mesma, manifestando desta forma sua autonomia e emancipação femínea. Se transformando assim em um símbolo do feminismo, por sua história de empoderamento em luta com aquilo que é contra, presentemente ela vem sendo muito citada em novas interpretações sobre igualdade entre homem e mulher.

## 2 LILITH NA TRADIÇÃO DA LUA NEGRA E A REPRESENTAÇÃO DAS DEUSAS

A frente desse tópico, usamos o livro Teogonia de Hesíodo e Lua Negra de Roberto Sicureti, onde ressaltam a origem das deusas em cânticos importantes de Homero, a partir daí traçamos pontos importantes de como essas divindades se encaixam com a nossa mitologia.

A alegoria desse mito está associada as fases da lua, ou seja, Lilith é a personificação da lua negra, em suas fases. No momento em que a lua está cheia ou crescente representa a fertilidade, a chamam de grande mãe, quando se está no último ciclo, ela some, associam a considerável lua negra, ou melhor, o demônio obscuro.

Durante aquele tempo, em que ocorriam esses eventos lunares, os homens egípcios e gregos, projetavam vitórias e derrotas durante cada fase, quando estava cheia, seria encarado como a representação do herói, do rei justo e bom. Já em sua fase contrárias, quando a lua desaparece, significa a derrota para o rei, retratam que demônios e dragões, são femininos e obscuros, que permeiam pela terra e a esteriliza, novamente relacionam as calamidades do mundo a mulher, essas são as representações lunares que dessa maneira é simbolizada por Lilith.

Diversas tradições contam que Lilith aparecia em sonhos para os homens, deixando-os aflitos e oprimidos pela beleza e sedução, tinha um abraço apertado e violento, como corpo quente, que nenhum deles conseguiam sair dali, ingressavam em um êxtase profundo de ereção e de um orgasmo destruidor. Afirmavam que ao acordar, esses homens morriam ou acamavam em uma profunda tristeza. Com esses ataques, por exemplo, se a vítima tentasse se defender fechando seus olhos ou desviando o olhar, ela os envolvia em murmúrios e respirações regelada até o sofrente ficar cara a cara com sua sombra.

Ao acordarem eram surpreendidos nus e com sua genitália ereta, com uma mulher pavorosa e imóvel deitada em seu peito, forçando-os a uma penetração abrasante, contudo o peso dela era ominoso que lhes tiravam a respiração. Então com esses incômodos surgia uma sensação de impotência na qual os sujeitos não gozavam de liberdade, e sim o oposto, percebiam que estavam sob efeitos de feitiçaria, assim é de se constatar com essas descrições que Lilith é a conjunção de uma monstruosa opressão, pânico, temor e susto á emoção do incubo.

A grande mitologia lunar se compara com grades nomes históricos, por exemplo existe uma comparação em que Lilith se manifesta no corpo de Ísis do Egito, casada com Osíris, as comparações com Lilith eram fervorosas, tinha o que chamavam de heterogeneidade feminina, era de uma sedução e beleza enorme. Ísis era habilidosa em reestruturar a vida e restabelecer o

amor ao homem, mesmo com seu lado sombrio (encontram-se estatuas em que Ísis é representada negra), em alguns santuários as virgens são negras, isto é, a representação da estátua negra, é possível que seja Ísis vestida de luto por seu marido Osíris, e entendermos que seja uma comparação a lua negra.

Na filosofia helenística vemos que Équidna é uma incorporação de Lilith, que também era considerada uma emanção da grande mãe Ísis, existe um livro chamado: os mortos do antigo Egito, em que aparecem referências sobre a deusa lunar, relatando suas experiências com a morte, o que nos faz lembrar que isso também coincide com a história de Lilith, contudo, em algumas preces dos poemas nos deparamos com demônios femininos, que se descreviam metade mulher e metade serpente.

Hécate, Selene e Afrodite também são representadas pela lua, em suas três fases, lua crescente (primeiro quarto), lua cheia (plena) e lua minguante (último quarto) essa tríade é relacionada a vida da mulher, as virgens são representadas pela primeira fase, ninfas pela segunda e as velhas pela terceira. Seguidamente surge a trilogia hierática: a virgem do ar, a ninfa da terra e a velha do mundo subterrâneo. Essas três deusas compõem ao mesmo tempo uma pessoa trina e una, a trilogia básica era constituída até o número nove, ou melhor, cada deusa-fase era várias em uma só, disto adveio o calendário do tempo: semanas, meses e anos.

Ao falarmos de deusas não poderíamos deixar de fora Hécate, que é a imagem mais próxima de Lilith, durante o período grego antigo, representando o inferno, contudo é a deusa grega mais familiarmente associada a lua, a mesma absorve abundâncias de destruição e terror. Entretanto é interessante observar a concepção de Hécate na literatura folclórica helenista, antes de mais nada ela é uma alegoria triforme, e isso se assimila com as três fases lunares explicita em uma só, que é a Lua Negra.

Segundo Sicureti, (1998, p.40) “Hécate não é percebida logo como parte obscura e símbolo do proibido, ao contrário é louvada, tanto que Hesíodo a exalta em sua teogonia.”

Uma parte do hino fala:

“Gerou Astéria de propício nome, que Perses conduziu um dia a seu palácio e desposou, e fecundada pariu Hécate a quem mais Zeus Cronida honrou e concedeu esplêndidos dons, ter parte na terra e no mar infecundo. Ela também do Céu constelado partilhou a honra e é muito honrada entre os Deuses imortais.” (HESIODO, 2005, p.100)

A mitologema de Hécate-lua-negra aparecia nos diversos poemas órfico, quando citam que ela perdeu a luz dos seus olhos e fundiu-se em atributos assustadores, na verdade o hino relaciona peculiaridades de Hesíodo “celeste, terrestre e marinho” aos de trívica banal e vulgar,



possivelmente nós observamos em Hécate uma figura mítica, mas de uma projeção feita para direto e religioso, presente na fantasia e no inconsciente, tal qual Lilith era.

A imagem de Lilith, representada por Hécate é do aspecto da imaginação dos gregos, o significado de seu nome vem do Hekation, que quer dizer “cem”, aparentemente cem eram os meses lunares com rituais dedicados a mesma, para que o trigo fosse crescido e colhido. Conhecida como a deusa das terras selvagens, e do parto, normalmente é representada segurando duas tochas ou uma chave, em períodos seguintes ela aparece na sua forma tripla, está também relacionada a encruzilhadas, fogo, luz, lua, magia, bruxaria, ela reina sobre o céu, mar e terra.

Outra figura demoníaca é a Empusa, ela demonstra luxúria e excesso sexual, ela representa tentação e desejos que são censurados, ela seduz os homens pela consciência quando dorme, é sempre um delírio assustador, o que a difere de Lilith é os aspectos corporal, ela é uma mulher com a cabeça e tórax humano, invés de cabelos ela tem serpentes avessadas, os braços são de animais, sua característica mais asquerosa é a de nádegas de asno, uma perna de bronze pesadíssimo e a outra de besta, os pés um seria a garra de uma águia e o outro humano, as empusas eram numerosas, chamadas inclusive de servas de Hécate ou cadelas negras, essa figura da imaginação grega é a mais aterrorizante.

Também temos Medeia, que retrata a imagem de mulher que vive sobre a autoridade conjugal e patriarcal do marido, sob as leis impostas pelo homem, assim como Lilith, ela primeiro ganha depois entra em conflito com seu companheiro, sendo assim desprezada e excluída. Igualmente como as bruxas, que há séculos atrás iam para a fogueira pela própria religião criada e determinada pelos homens, mas isso veremos mais adiante.

Pandora é a narrativa mais incompreensível, pois através dela a humanidade recebeu os males que vagueiam até hoje, sendo a primogênita de Zeus, na mitologia grega, Pandora foi a primeira mulher que o Deus criou, esse mito tem bastante conferência com Lilith, visto que ao ser proibida pelo seu marido de abrir a caixa, ela não resistiu a tal curiosidade e assim fez, trazendo guerras, doenças, mentiras e ódio.

Segundo a narrativa, Pandora foi enviada a terra para sobrestar o poder do fogo que Prometeus havia dado aos homens em oposição a vontade divina, em compensação recebe os males da mulher, conseqüentemente o fogo conduziu poder a humanidade, mas também trouxe tribulações.

Pandora foi criada unicamente para um homem, no entanto seus criadores a fizeram curiosa e desobediente, o que nos faz raciocinar que Lilith também foi feita assim, e comportou-se igual a Pandora, as duas narrativas tem vários aspectos em comum, principalmente como os

pecados e infortúnios do mundo recaem sobre elas. Desse modo igualamos Eva, Lilith e Pandora como as primeiras mulheres que portam o bem e o mal.

Em conclusão esses três perfis femininos que são submetidas às supremacias masculinas, nos trazem que apesar de serem concebidas para um homem, sua voz interior feminina demonstra sinais de resistência e desobediência.

### 3 A BRUXA NA IDADE MÉDIA, ANALOGIA A LILITH

O *Malleus Maleficarum* foi escrito por dois teólogos, Jacob Sprenger e Heirinch Kraemer, todos os elementos históricos dessa temática, foi extraída desse livro.

Um dos movimentos religiosos mais agressivos contra mulheres, foi a caça às bruxas, elas eram jogadas vivas na fogueira, um rito cruel que apresenta na era cristã a supremacia masculina e a desvantagem feminina. No decorrer do segundo século, no ano mil, em tempo nenhum como nesta época, a mulher teve que pagar um importe tão terrível pela fúria masculina, contudo essa ideia de serem amaldiçoadas e associadas a poderes malignos antecede antes da idade média. Na cultura grega, temos como exemplos Medeia e Circe, mulheres que eram consideradas seres sobrenaturais e com poderes voltados para o mal, a origem histórica da época cristã são os hebreus, e em sua cultura relata que no velho testamento, o rei Saul procura uma bruxa de nome Endor, apesar de isso ser considerado um sério ultraje a lei de Moises.

Precisamos falar das bruxas como seres que chegaram depois de Lilith, ocasionalmente são as mais semelhantes imagem dela. Itália, França, Espanha, Inglaterra e Alemanha o prenúncio de bruxa se agitou assim como uma doença, conforme os processos de interrogação e punição a fogueira, sob a permissão da igreja, repetidamente seria uma queima de provas para com Lilith e sua representação.

Biblicamente a mulher é condenada, parte-se do princípio, em *Eclesiastes* diz:

“Não há pior veneno que o das serpentes, não há pior ira do que a da mulher. Seria mais agradável estar com um leão ou com um dragão do que morar com uma mulher má.” (*ECLSIASTES*, 1990, p. 25,23)

Para Sêneca um filósofo estoico do Império Romano, ele evoca que a mulher apenas ama ou odeia, excluindo outras qualidades, de outro ponto de vista quando uma mulher pensa, ela pensa somente coisas más. Já para Marco Túlio Cícero um cônsul da república romana, declara que “As mulheres são fracas de intelecto, quase como crianças.” Não há nenhum crédito positivo na protestação lírica feminina, ela não alcança nem a confiança do velho Catão, que expõe a seguinte frase “Quando chora, uma mulher trama ardis com suas lágrimas. Quando chora, uma mulher está tramando um modo de enganar o homem.”

Johan Nider escreveu um livro chamado *Formicarius* em 1430 ele descreve pela primeira vez a bruxaria, mas somente em 1489 descenderá um texto fabuloso dos escritores

Henrich Institoris e Jakob Sprenger, uma obra sobre psicopatologia sexual masculina, o famoso *Malleus Maleficarum*.

O *Malleus Maleficarum* considera que as bruxas são comparadas com o pecado original, ou seja, com Eva, e que esse dura até hoje, fala também que: “a mulher mata a alma, por isto a mulher é um inimigo brando e oculto, cuja concupiscência carnal é insaciável” a intolerância religiosa contra as bruxas é de grande doutrinação, para os líderes fiéis os excessos sexuais femininos eram unicamente em idolatria ao diabo, logo após determinam que as bruxas são meretrizes do diabo. Para os inquisidores da igreja, elas seriam instruídas pela fixação sexual, logo, bruxa e sexualidade se enredam para receber uma condenação.

Na mitologia da bruxa medieval, associamos a imagem de uma mulher feia, velha e sozinha, que chega na noite com seus cães, vampiros, e uma confrontação infernal a Hécate ou de uma Empusa, nisto os tipos tem os mesmos significados. Por outro lado, a bruxa como uma mulher bonita, sedutora, atraente e que pode seduzir com encanto, comparamos a Circe homérica, seja qual for o demônio feminino que se manifesta a bruxa, passariam as serem perseguidas como sacrilégio religioso.

Perduravam três categorias de relações: a bruxas que pudessem viver livremente e circular no meio de pessoas comuns, que não tinham vestígios deixados. Outra relação mais profunda era com o diabo, acarretava com o famoso “pacto”. Por fim a última relação estava ligada diretamente com Deus, diversos inquisidores expunham questões como: “o consentimento divino apoia a bruxaria?” As respostas para essas questões eram sempre católicas, como está:

Todo mal que é praticado seja com culpa, seja com punição, seja com dano, Deus o permite justamente em seguida a duas promessas feitas pela queda dos anjos e pela queda dos progenitores. (SICURETI, 1998, p. 65).

As bruxas eram necessárias como testemunhas do mal e da profanação, e como indivíduo do mal era preciso destruí-las para instituir o bem. Uma particularidade que definia as bruxas, era a sua associação com o Diabo (o satanás do cristianismo) a principal delação no meio da bruxaria era o “pacto com o diabo” que mediava por meio de uma cerimônia, muitos autores concordam que a relação dessas mulheres com o diabo era meramente sexual, esse acuso é formulado também pelo *Malleus Maleficarum* para quem a bruxa-mulher era mensageira da sensualidade diabólica.

É interessante pensar que, sobre o diabo, e conhecendo sua história que o príncipe das trevas está a sombra de Deus, e que será sempre apontado como o portador do mal, da luxúria

e da mentira, conectamos Lilith a ele, pois suas características são parecidas. Contudo, a Lilith da idade média, ou seja, a bruxa, não tinha a viabilidade de se fazer ouvir, a totalidade de mulheres queimadas vivas sendo bruxas ou endemoniadas no decorrer da inquisição em nenhum momento será conhecido, já que era inaceitável uma mulher ter êxtase e desejo sexual.

A conhecida Bula Papal de Inocêncio VII, de 1484 que foi publicado pelo *Malleus Maleficarum* em 1489 iniciou-se a caça às bruxas, na verdade foram três séculos de lua negra, em que os homens viveram na loucura de uma completa cegueira, a avaliação é que foram nove milhões de mulheres queimadas, certamente Tomás de Torquemada, um dos maiores inquisidores, determinou para a fogueira 10 200 de bruxas (duas décadas) ao mesmo tempo em que efetuou o enforcamento de cem mil delas.

Podemos ver a imagem de Lilith em várias mulheres que transcendem dos tempos antigos aos atuais, temos como exemplo Capitu de Machado de Assis suas particularidades em ser uma mulher á frente de seu tempo, que apesar de ser apresentada por seu narrador assim como também seu marido, a mesma consegue destacar-se como uma mulher que se mostrava independente em sua forma de agir e falar, admirava a vida de maneira distinta das mulheres daquela época, o que sucedeu em uma suspeita por parte de seu marido, por ser muito bela e sensual, a vista disso e por ser mulher, mais tarde seu caráter seria reprovado.

Ao explorarmos essa história, pela visão de leitor, observamos que Capitu foi limitada por olhares machistas de um corpo social patriarcal, contudo, ela sempre dava um jeito de se recompor e resistir, e é por esse fator que é dada como uma mulher contemporânea.

Desta forma vemos como a imagem de Lilith é importante no presente, por ser a primeira a se revoltar contra o machismo e conquistar seu direito, em protesto por ser dona de si e do seu corpo, por revogar seu direito como cônjuge, se transformando em exemplo para outras mulheres, expondo que, por confrontar seus direitos, são julgadas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi realizar uma ampla pesquisa sobre como o mito de Lilith traz referência para todas as mulheres, esse arquetípico atemporal que, liga as características femininas e suas relações com a sua realidade, de emoções, resistência e principalmente domínio com sua sexualidade, assim sendo compreendem os diferentes protestos de cada uma quanto a submissão, nisso incluímos as mulheres atuais, que lutam por seus direitos em igualdade social.

A distinção desse tema está no entendimento dos conflitos sociais da mulher contemporânea, com uma mediação de mulher para mulher, observamos que a figura feminina, principalmente os mitos, tem uma imagem negativa, sempre são vistas como vilãs, maldosas, loucas, ou seja, todo inverso do mito masculino, que são enxergados como herói.

Somos capazes de entender de forma que, essa personificação está ligada pela forma que é valente e decidida, em lutar por seus direitos e enfrentar a hegemonia masculina, é importante também ressaltar, que, além dessa luta ser atemporal, o espaço que a mulher ocupa na sociedade ainda é bastante pequeno, os preconceitos e submissão até então é de grande extensão, se não fosse expulsa do paraíso, ou expulsa da bíblia, Lilith poderia ser uma mãe mais progressista para a humanidade, o que de fato ela é, compreendida como a primeira feminista, vista como exemplo de antecedente da primeira silenciada e julgada, conduzida sempre ao presente como arquetipo de mulher inteligente e fluênciavel para a sociedade.

## REFERÊNCIAS

**Bíblia sagrada:** antigo e o novo testamento. São Paulo: Ed. Paulus, 1990. Tradução de: Euclides Martins Balancin.

BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de Mitos Literários.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

HESÍODO. **Teogonia:** hesíodo. Oxford: Kotter Editorial, 2021. 124 p. Tradução de: Henry Bugalho.

Malleus maleficarum (1484), Londres: Hogarth Press, 1928. tradução de: Montague Summers.

SICUTERI, Roberto. **Lilith, a Lua Negra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TROYES, Rashi di. **Commento alla Genesi.** [S.l.]: Marietti, 1999. 508 p. Tradução de: Luigi Cattani.